

Apresentação

O presente volume da *Analytica* é constituído por artigos que abrangem um amplo espectro de temas e de filósofos, indo desde a análise e problematização de diferentes conceitos em autores clássicos como Platão, Espinosa, Leibniz, Kant, Nietzsche e Wittgenstein até a discussão de questões contemporâneas nos campos da Filosofia da Mente e da Metafísica. Ele fornece um bom retrato da diversidade da produção filosófica nacional, evidenciando o fato de que a adoção, por parte da nossa revista, de um padrão rigoroso de avaliação dos artigos enviados não configura nenhuma predileção por correntes filosóficas específicas. O único compromisso da *Analytica* continua sendo com a qualidade acadêmica dos textos nela publicados.

No texto de abertura do volume, Jean-Luc Petit critica a tendência identificável, segundo ele, nas ciências cognitivas, de adotar uma concepção representacionista de intencionalidade, favorecendo, assim, uma ideia de receptividade passiva da informação externa em detrimento do reconhecimento do papel da atividade espontânea do vivente. A descoberta de mecanismos neurais de antecipação na percepção e na ação colocaria em xeque, de acordo com o autor, exatamente essa primazia atribuída à representação na atividade cognitiva. Ele propõe um retorno a Husserl – mais especificamente ao conceito de constituição transcendental da *Lebenswelt* – para que se vislumbre uma teoria integrativa de como o vivente pode estruturar seu mundo de modo imanente.

No texto seguinte, William Steinle discute o problema das relações sem os *relata*, na medida em que este pode ser tomado como uma forte objeção ao realismo estrutural ontológico.

Ele discute, então, duas possíveis soluções alternativas ao problema. Enquanto a primeira desconsidera os *particulares relata* (individuais) envolvidos nas relações, a segunda tem por base o cálculo de relações, que propõe uma completa eliminação de variáveis individuais.

No terceiro artigo, Marcos Henrique Rosa trata da concepção wittgensteiniana de necessidade lógica. Em sua abordagem do tema, ele contrasta a posição sustentada por Wittgenstein com o convencionalismo dos empiristas lógicos e com um convencionalismo radical, tentando mostrar que objeções feitas a essas formas de convencionalismo não atingem Wittgenstein.

Na contribuição seguinte, Raphael Zillig propõe que, ao contrário das interpretações tradicionais, não se compreenda a aporia exposta no diálogo *Laches*, de Platão, em 192e1-194b4, como resultado da dificuldade de Laques de dar conta da natureza do conhecimento moral. Ele propõe que se considere que o problema que Laques não resolve diz respeito sobretudo às suas crenças acerca da relação entre a coragem e a disposição de enfrentar perigos. O autor sustenta que se compreendermos essa passagem da maneira sugerida, ela passa a se integrar melhor à tentativa geral do diálogo de estabelecer uma concepção da coragem (ou antes da virtude) centrada no conhecimento.

No quinto texto, Vivianne Castilho Moreira, à luz de alguns aspectos da linguagem formal elaborada por Leibniz, examina o princípio leibniziano de continuidade, bem como as condições de sua aplicação no cálculo infinitesimal, visando averiguar se e em que medida o referido princípio se deixa justificar com base na lógica leibniziana.

O sexto artigo, da autoria de Renato Valois Cordeiro, trata da antinomia da faculdade de julgar teleológica, presente na terceira *Crítica*. Com o propósito de evitar uma ameaça à coerência da filosofia crítica, o autor tenta mostrar que há apenas uma aparência de antinomia da faculdade de julgar teleológica, uma vez que um conflito entre princípios constitutivos não pertenceria à faculdade de julgar reflexiva.

No sétimo artigo, Gérson Louzado analisa a argumentação desenvolvida por Kant, em um ensaio de 1759, contra os opositores da tese leibniziana de que este é o melhor dos mundos possíveis. Gérson Louzado busca, primordialmente, explicitar as razões que tornam possível a Kant afirmar que os opositores do otimismo leibniziano equivocam-se sobre as condições da comparação e diferenciação de realidades e confundem grandezas intensivas com grandezas extensivas.

No oitavo texto, Fabiano de Lemos Britto debruça-se sobre o conceito de *Gesamtkunstwerk*, desenvolvido inicialmente por Richard Wagner em suas reflexões estéticas e apropriado por Nietzsche em suas obras de juventude. O autor rastreia essa apropriação, descrevendo e discutindo os esforços operados na interpretação de Nietzsche desse conceito originalmente wagneriano, sublinhando os impasses que surgiram nesse processo e que culminaram na ruptura da relação entre os dois.

Fechando este volume, Ulysses Pinheiro examina, em seu artigo, as teses de Espinosa, enunciadas na Parte V de sua *Ética*, acerca da eternidade da mente. Ele parte, em sua análise, de alguns dos pressupostos dessas teses, formulados na Proposição 8 da Parte II. Sua hipótese interpretativa é a de que há uma assimetria nessa proposição que possibilita que não se rompa com o paralelismo ao se afirmar as teses sobre a “parte eterna da mente”.

Edgar Marques